

COMENTÁRIOS

Primeira Página: Um Jornal do Governo Arraes com Fala de Povo

Maria Salett Tauk Santos *

Tá na boca do povo, tá na rua, tá na praça... tal qual sucedeu no refrão popular, o Primeira Página chegou para ocupar um espaço vazio de comunicação governo/povo, falar do que o governador Miguel Arraes está fazendo que interesse ao povo e dizer também o que as camadas populares organizadas estão conseguindo fazer, em suas estratégias de sobrevivência, sozinhos ou com a ajuda do governo. Trata-se de um jornal mural inspirado nos Dazibaos chineses e que se constitui no carro-chefe do projeto de comunicação popular de Arraes.

A idéia foi da equipe da Secretaria de Imprensa do Estado preocupada em criar um jornal grátis que fosse lido pelo povo, em uma região na qual apenas 11% da população tem acesso a jornais da grande imprensa. Primeira Página é um jornal de propaganda das ações do governo mas não esgota aí a sua proposta. A metade do seu espaço é dedicado ao cotidiano das camadas populares, enfatizando as questões que são do seu interesse imediato como saúde, habitação, emprego, escola, lazer, transporte, segurança. O debate político fica ausente, justifica Ricardo Leitão, secretário de imprensa do governo Arraes e diretor do jornal: "O povo só aparece na grande imprensa nas páginas policiais ou como protagonista de invasão de terras. Por isso, a proposta do Primeira Página é mostrar a vida das pessoas do povo. É isso que eles querem, um jornal que mostre o

* Professora da Universidade Católica de Pernambuco.

povo personalizado, com nome, declarando, opinando, mostrando como atua em sua realidade".

Semanário, e primeiro mural de circulação regular no país, o Primeira Página foi lançado no mês de julho deste ano, medindo um metro quadrado, dividido em duas páginas de igual tamanho. Impresso em off-set nas cores azul e preto com tipo 12, pois é jornal para ler em pé. Utiliza muitas fotos e recursos gráficos que dão idéia de movimento à diagramação, o que torna a sua fisionomia convidativa à leitura. Entretanto, além do conteúdo, o que o torna um jornal realmente afinado com o gosto popular é a linguagem descontraída de suas manchetes. Disso aí Ronildo Maia Leite e José Maria Andrade sabem cuidar com talento. Jornalistas com passagem em órgãos como Última Hora e Veja, com larga experiência de trabalho em comunicação com comunidades, eles se encarregam de colocar os fatos na linguagem e contexto de realidade do povo pobre. Por ocasião do lançamento de um projeto de venda de terreno à população de baixa renda, por 60 cruzados, a matéria saiu com o seguinte título: "Um lote por duas cervejas". Quando a Secretaria de Saúde do Governo do Estado fez convênio com o INAMPS visando melhorar a assistência médica à população, o título da notícia foi "Saúde. Casamento de Papel Passado". Sobre a volta à sala de aula dos professores do Estado que estavam a disposição de outros órgãos, a manchete sentenciou: "Acabou o espalha-espalha do professor". A recente lei do passe para o trabalhador gerou: "Passe um vale no ônibus". Sobre a criação de um banco de leite materno popular: "Aqui não precisa chorar para mamar: criado o banco do peito". Noticiando a manifestação popular por ocasião do enterro do então ministro da Reforma Agrária, Marcos Freire, a manchete foi: "Último clamor do povo: Justiça! Justiça! Luto não rasga bandeira da Reforma".

A incorporação da linguagem simples, que o povo fala, tem sido o esforço maior e a busca constante da equipe de redatores que trabalha no jornal. Segundo eles esta preocupação começou muito antes do jornal circular quando foram preparados três números "zeros" consecutivos a fim de serem discutidos e aperfeiçoados com a participação das comunidades populares.

A cobertura dos fatos é feita através dos canais não convencionais à grande imprensa. A própria população sugere a pauta aos repórteres. Os funcionários do governo que atuam nas comunidades e a Igreja, através de alguns padres, auxiliam também na identificação de temas que geram notícias.

Com uma tiragem de 15 mil exemplares, 25 mil até o final do ano, o Primeira Página acha-se consolidado na periferia da capital. Já está sendo pensada a instalação de pontos fixos no centro da cidade para colocação do jornal, além de um programa que permita a sua interiorização para todo o Estado.

A distribuição é feita com a ajuda das comunidades para as escolas públicas, agências bancárias, terminais rodoviários, postos de saúde, imóveis do governo, sindicatos e todas as associações cadastradas ou não na Secretaria de Ação Social do Estado.

O projeto de Comunicação Popular do Governo Arraes inclui também um programa radiofônico "Jornal do Interior", que vai ao ar diariamente através de 20 emissoras, espalhadas por todo o Estado, com duração de 10 minutos. Além disso está sendo pleiteado junto ao Ministério das Comunicações a concessão de uma rede de 6 emissoras FM, cuja programação será voltada para a educação popular.

Se compararmos o esforço de comunicação popular do governo Arraes, corporificada no Primeira Página, com as estratégias de governos anteriores utilizadas para se comunicar com as camadas populares, verificaremos que este apresenta avanços em dois sentidos: primeiro, a busca da linguagem simples que permite o povo entender o que o governo diz. O segundo é o estímulo à participação através do realce que se dá às ações desenvolvidas pelos grupos organizados das comunidades. Entretanto esses vieses não devem servir para mascarar o caráter persuasivo e doutrinário implícito nas mensagens do Primeira Página. No que pese a participação popular na indicação de pautas e distribuição do jornal, o tratamento dispensado às mensagens possui um caráter nitidamente instrumental no sentido de legitimar as ações do governo de Pernambuco junto às camadas populares. Contudo, o reforço à organização popular que a equipe de Comunicação do governo empreende, através do Primeira Página, poderá contribuir para que surjam nessas comunidades veículos de comunicação legitimamente popular que critiquem, reivindiquem, acatem ou rechacem as ações do governo e que sobretudo seja a comunicação do povo organizado dentro de um processo de participação e autonomia social e política.